

Ocupem Wall Street ou o fim do sonho da “classe média” americana: alguns comentários

Eduardo Stotz
08/11/2011

É notável que a maioria dos jovens que desde setembro de 2011 ocupam a Libert Square em Wall Street – o movimento Occupy Wall Street¹ – se conte dentre aqueles desempregados cuja perspectiva de vida, caso consigam uma ocupação estável, seja apenas trabalhar duro sem um salário capaz de pagar as contas do mês. Eles são os filhos da assim chamada “classe média” americana cujo sonho ruiu a partir do “estouro da bolha imobiliária”, a primeira onda da crise econômica de 2008 cujos desdobramentos ainda se percebem e que o economista Paul Krugman previu assumir a forma de uma Longa Depressão, numa comparação entre a atual e aquela do final do século XIX (1873-95).

Lembre-se que, com a deflagração da crise de 2008, o sonho da chamada “classe média” americana de adquirir uma casa própria tornou-se subitamente um pesadelo, pois o desmoronamento do sistema de especulação montado em torno do crédito para a compra de imóveis acabou por conduzir ao resgate da hipoteca pelos credores, mediante a pura e simples expulsão dos moradores-proprietários de suas moradias.

Os jovens da Occupy Wall Street tem os seus ícones. E aqui devemos lembrar que sempre há porta-vozes capazes de unificar os medos e anseios de uma classe social em torno de palavras-de-ordem ou mesmo de atitudes. No caso de Occupy Wall Street um dos vínculos aponta para o filme “Capitalism, A Love story” (Capitalismo, uma história de amor²), documentário de Michael Moore que estreou em 2010. Um indício dessa filiação está no fato de o movimento Occupy Wall Street ter como alvo o capital financeiro e, atrás dele, Barak Obama e o Estado americano: como é possível, perguntam-se os indignados, beneficiar os bancos e fundos de pensão com a socialização dos prejuízos por eles próprios causados?

Quem assistiu ou vier a assistir ao filme de Moore verá no gesto dele isolar com a fita amarela da defesa civil prédios de grandes corporações financeiras em Wall Street a inspiração ideológica da ocupação de fato da Libert Square em Wall Street.³

A divisão da sociedade em classes tornou-se publicamente visível nos EUA depois da crise. E, com isso, os questionamentos. Assim, as aspas usadas para qualificar a noção comum de classe média, aqui inseridas, são propositais. No final das contas não se trata da classe média como tradicionalmente se entende, ou seja, pequenos proprietários de lojas ou autônomos no setor de serviços, como advogados e médicos, etc., que Marx denominou de pequena-burguesia. São membros da classe trabalhadora assalariada, empregados que em alguns casos tinham salários mais elevados que a média e, mais importante, percebiam-se como classe média na medida em que dispunham de renda para poupar e investir em fundos de pensão e outras formas de investimento cujos rendimentos lhes permitia ter uma vida mais folgada. Exemplo: adquirir uma segunda casa na Flórida, local paradisíaco para onde quase todos americanos querem se dirigir na idade de aposentadoria – um Éden de vida tranqüila, com sol e plano de saúde.

Talvez no Brasil esse segmento da classe trabalhadora que pensa e age como pequena-burguesia seja bem representado pelos professores universitários (e outros trabalhadores) do serviço público federal que se recusam a participar da condição de trabalhadores, a ponto de se organizar em entidades sindicais à parte dos funcionários.

Muito bem. Agora o professor Robert Blendon, da Universidade de Harvard, traz uma pesquisa para apontar um novo baque num dos sonhos mais caros desta “classe média”, a

1 <http://occupywallst.org/>

2 <http://www.youtube.com/watch?v=Shqk63qGwEY>

3 Uma crítica radical encontra-se no artigo de Ray O. Light publicado em http://resistir.info/crise/m_moore_capitalism.html).

aposentadoria. Na matéria publicada pelo encarte Valor Investe, do jornal Valor, de novembro de 2011, Eduardo Graça afirma que idosos aposentados têm de repensar planos, como o de ter “uma vida de viagens”. Problemas financeiros e de saúde simplesmente acabaram com esse tipo de sonho.

Pior para o percentual elevado de jovens que sequer consegue poupar um percentual dos salários para investir na poupança de aposentadoria, geralmente associada aos fundos de investimento [401 \(k\)](#)⁴ e planos de previdência privada.

A lição a se tirar da crise dos EUA e da União Européia é simples:

“Num mundo em que governos e mercados podem falhar, ganha espaço a visão de que o próprio indivíduo deve planejar e poupar para garantir um futuro tranqüilo” (Valor Econômico de 07/11/2011, p.1).

Em outros termos: vire-se!

Quem precisa se virar sofre. No filme *Cocoon* (1985), disponível em vídeo, a ficção denuncia a realidade: aqueles que eram (e ainda são) obrigados a “se virar” evadem-se da realidade terrena e preferem embarcar com os ETs a passar o resto dos seus dias no asilo, pobres, descuidados, isolados, deprimidos. Moral da história: o *american dream* é, para a maioria, uma fantasia.

Fonte:

Encontraponto

<http://www.encontraponto.prosaeverso.net/visualizar.php?id=3325141>

⁴ <http://empresasefinancas.hsw.uol.com.br/planos-401k1.htm>